

## Duas vidas: tentativa de esboço sobre a mulher que envelhece

### Two lives: attempted sketch about the aging woman

Mônica Sette Lopes\*

Que carregamos as coisas,  
moldura de nossa vida,  
rígida cerca de arame,  
na mais anônima célula,  
e um chão, um riso, uma voz  
ressoam incessantemente  
em nossas fundas paredes.  
(Andrade, 1996, p. 21)

#### RESUMO

O texto explora, a partir de extratos da observação da vida de duas mulheres, algumas contingências de envelhecer que devem ser apreendidas para o entendimento desse processo na perspectiva feminina. Parte-se da relevância do relato, essencial quando o cotidiano precisa ser conhecido à minúcia, e da concreção, meio por excelência para a distinção e a consideração das diferenças. A matéria do texto compõe-se de amostra diminuta, cuja proposta é talvez estimular que relato se alargue como meio para revisitar a viabilidade para a construção e a aplicação efetiva do direito.

**Palavras-chave:** relato; envelhecimento feminino; concretude.

#### ABSTRACT

The text explores, based on extracts from the observation of the lives of two women, some of the contingencies of aging that must be apprehended to understand this process from the female perspective. It starts from the relevance of the report, which is essential when everyday life needs to be known in detail, and from concreteness, the means par excellence for the distinction and consideration of differences. The subject matter of the text is composed of a small sample, whose purpose is perhaps to encourage the report to be broadened to revisit the feasibility for the construction and effective application of the law.

**Keywords:** report; female aging; concreteness.

## 1 INTRODUÇÃO

O convite veio para a produção bibliográfica sobre o *ethos* do envelhecimento na perspectiva das mulheres. E temo que não conseguirei fazer nada a partir de uma vertente jurídica, feminista, filosófica, política e social. Não conseguirei fazer nada fora do que é o momento participante e de observação integrada da vida de mulheres que envelhecem. Não conseguirei o texto neutro, alimpado de sentires. Só posso tentar a exposição desconexa do que

---

Artigo submetido em 08 de janeiro de 2024 e aprovado em 20 de janeiro de 2024.

\* Professora Titular e Vice-Diretora da Faculdade de Direito da UFMG. Desembargadora (aposentada) do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região. Doutora em Filosofia do Direito. E-mail: [monicasette@uol.com.br](mailto:monicasette@uol.com.br)

sinto e do que observo. Só posso tentar um esboço de relato, na curiosidade do que é inserção na intimidade, é rudimento provisório da impermanência vista na versão do envelhecimento de duas mulheres. Uma que permanece. Uma que se foi.

Não se trata de um estranhamento ou de uma recusa ao pensamento sistemático ou à redução das ideias numa perspectiva abstrata. Talvez seja uma questão de fé ou da perda dela. Para mim, na primeira pessoa mais desabusada, as coisas só fazem sentido se podem ser traduzidas no relato das circunstâncias, do cotidiano. E só consigo falar sobre essa transformação, imposta pelo tempo, por meio da percepção do acontecimento acompanhado na corporeidade da memória em convivência. E não sei bem como encaixar a necessária tradução para a escrita. E não conseguirei a inspiração das teorias bem pensadas por tantos sobre a vida, o envelhecimento, o cuidado. Não porque as desconheça ou as despreze, mas porque, se conseguir escrever, quero apenas contar do sentimento e da experiência. Quero dizer como sinto, o que vejo, o que percebo na sensação, no contato.

Joan Didion, a escritora americana que se integrou entre os autores do *New Journalism*, compôs um livro sobre o ano que se seguiu à morte repentina de seu marido. *O ano do pensamento mágico*. Há no texto a visão da jornalista e a intenção de tramar a escrita da realidade com as armas da literatura. No início do livro, ela diz que, quando criança, antes mesmo de se tornar escritora, havia desenvolvido a percepção de que “o significado em si residia no ritmo das palavras, frases e parágrafos”, uma técnica para reter o que ela “pensava e acreditava por trás de um verniz cada vez mais impenetrável”. Falando, porém, da vida de seu marido diante do surpreendente de sua morte, precisava de “um sistema de edição digital” no qual pudesse “pressionar um botão e desmontar a sequência do tempo”, mostrar “simultaneamente, todos os fotogramas da memória” que vinham à mente naquele momento, e deixar que cada leitor escolhesse “as sequências, as expressões ligeiramente distintas, as leituras variantes das mesmas falas”. Neste caso, as palavras não lhe bastavam “para encontrar um significado”. Neste caso, ela precisava que o que pensava e acreditava “fosse penetrável”, ao menos para ela mesma (2018, posição 99-103).

Os fotogramas que ela foi cravando no texto registravam as circunstâncias mínimas, minúsculas de uma convivência de muitos anos. O compartilhamento da vida conjugal expôs o extraordinário da trivialidade porque o texto imergiu na sinuosidade do cotidiano que era só dos dois, composto neles, lembrando neles.

Essa talvez possa ser a maior inspiração para a proposta de relato atabalhado: pela fresta exígua da observação. Os fotogramas acumulam-se na realidade da vivência de mulheres (de duas, de todas, de cada uma), no seu peculiar modo de ser, diante da cultura e das condicionantes do tempo que percorreram a construir a dimensão possível de si. Por isso, é preciso tentar compreender como fizeram opções e escolhas até chegarem ao ponto em que a idade obnubila<sup>1</sup> os acontecimentos e os torna presentes apenas para os contemporâneos de sua experiência, para os que as viram viver.

Mesmo quando se persiga a aparente rigidez e o efeito vinculante que há na previsão de *observância dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana e da proteção integral* previstas no art. 2º da Lei n. 10.741/2003 (o Estatuto da Pessoa Idosa), está-se diante de uma abertura que exige a definição de atos, práticas ou procedimentos a partir de cada situação. Para aplicar os preceitos que incorporam a teleologia a valorizar a dignidade humana no envelhecer é preciso absorver e verter em ação a força das circunstâncias. *A proteção integral* pode ser uma quimera se não se assimilam os aspectos muito minuciosos da dimensão prática da vida.

---

<sup>1</sup> O verbo estranho foi escolha proposital. Pelo som das vogais. Pelo estranhamento que essa obscuridade provoca.

Isso não constitui novidade quando se fala na interpretação do direito, sempre direcionada para a realização que se dá pela aplicação e pela concreção<sup>2</sup>.

Por isso, a apropriação da temática do envelhecimento a partir de lances da história de duas mulheres não é coisa aleatória. O contingente nessa opção representa o modo como cabe esmiuçar a experiência do tempo nas vidas variegadas das mulheres. De todas e de cada uma. A possibilidade da solidão e do desamparo é característica que pode ser encontrada nos humanos sem ressalva. Mas nas mulheres ela pode estar entremeada menoscabo, da invisibilidade, do desdém.

## 2 A MULHER QUE VIROU MÚSICA

“Como vou morrer?” O cardiologista dizia que essa era a pergunta que minha mãe fazia em todas as consultas. O coração frágil. O cuidado delicado e atento com seu corpo como funcionalidade. Cada sensação levando ao remédio mais simples. Uma mulher ao volante nos seis oitenta e dois anos pelas ruas da cidade zelando pelas *coisas de sua vida*, pelas *suas coisas*. Uma mulher que, de repente percebeu, num susto, que não era mais a mesma e parou de dirigir.

Sinto uma falta enorme do tempo em que ela não admitia que decidíssemos nada de sua vida. Sinto muita falta do tempo em que ela passava rotineiramente pela portaria do prédio em que eu morava e deixava todas as delícias que produzia, *senhora-do-dedo-verde*<sup>3</sup> que sempre foi. Cúrcuma. Cravo para mascar (“Bom para a garganta”). Doce de banana. Doce de goiaba. Mandioca. Verdura. Pitaia. Lichia. Sinto falta de ela passar sem avisar. E simplesmente deixar o aconchego na portaria para nos surpreender. Porque essa liberdade em ato era a forma mais explícita de dizer que continuava decidindo sua vida. Essa autonomia na condução de seus dias era o que definia a permanência de seu ser. De ser como ela queria ser.

Minha mãe não morreu. Minha mãe virou música.

Sentada diante da televisão sintonizada na *biblioteca* de sons infinita que é o Youtube, ela passa os dias circulando no randômico dos vídeos que vão entrando pela tela. Óperas. Marchinhas de carnaval. Roberto Carlos. As cantoras de todos os tempos. Os Demônios da Garoa. O hino de Santa Cruz do Escalvado, sua terra Natal. Não é mera distração. É o sentido de sua vida. No movimento da cabeça, quando conversamos, ela está sempre balançando no ritmo de uma conversa que imagina. A fala, a história contada é também música essencialmente. Tudo o que interessa e tem a atenção dela pode ser traduzido em música.

Um dos livros da escrita autobiográfica de Annie Ernaux é feito de entradas curtas de um diário em que ela foi anotando os extratos do que vivenciou nos dias em que sua mãe viveu sob o estigma do Alzheimer. Não é um texto que se leia com facilidade. Os sentimentos são ambíguos na constatação de que sua mãe já não era mais. Passagens de antigamente mesclam-se com os odores do lugar onde ela estava vivendo, com a visão do cenário e das pessoas, com o som das vozes, com o paladar (a forma como ela comia o bolo), com o toque da pele de sua mãe. E tudo isso se junta aos sentimentos conturbados da filha diante da situação não programada, que pode ser a sua num futuro sem previsão. Paralelamente ela convive com o que parece ter deixado de existir, ou seja, com o passado compartilhado sempre na medida do possível das relações:

<sup>2</sup> Cf. para maior aprofundamento, Lopes, 2023.

<sup>3</sup> Referência, incidental a Druon, 2017.

Ela havia deixado de ser a mulher que sempre governou minha vida e, no entanto, apesar de seus traços disformes, por causa de sua voz, seus trejeitos e sua risada, ela continuou sendo minha mãe, mais do que nunca (Ernaux, 1999, p. 7).<sup>4</sup>

O nome do livro, na versão original em francês (*Je ne suis pas sortie de ma nuit*), é a última frase escrita por sua mãe, numa carta inacabada a uma amiga.

Aquela noite, a mesma noite, abate-se sobre a mãe e sobre a filha, que deixa de ser cuidada, para cuidar. E que tem a impressão de nunca conseguir fazer o que deveria. Porque a experiência é por demais dolorosa na constatação de que a mãe efetivamente deixou de ser a mulher que era. Aquela que direcionou a sua formação como mulher.

A última frase escrita por minha mãe há algumas semanas a pedido do neurologista foi: “Mel ficou chorando quando sai”. O cuidado de sempre, ela o transporta para a cachorrinha que passa os dias encostada no seu corpo.

Não há mais a escrita espontânea. A letra bonita não faz registro nas mensagens, os recados. Uma clareza que havia na organização do texto no papel não existe. A caligrafia é infantil e, com ela, muitas coisas também são. Minha mãe perdeu a espontaneidade da decisão,

Percebi que algo que a acalma é ouvir minha voz lendo histórias. Lemos então livros inteiros e, às vezes, repito os capítulos na certeza, trágica, de ela não os reconhecerá.

A dor mais aguda, porém, aquela que é caminho sem volta e estanca a respiração é quando ela olha direto para mim e diz: “Podemos descer. A Mônica deve estar lá embaixo”. Minha mãe começa a não me reconhecer. Ela apenas me imagina na sua fantasia. Sou também a imagem na memória dilacerada onde os fatos são fotogramas cada vez mais desorganizados.

Talvez esse seja um sintoma mais abrangente. Há sempre um duplo para cada coisa. A casa onde ela está é a sua, mas há uma outra que não acessamos. A cachorrinha que dorme com ela é a sua, mas há uma outra que não acessamos. Eu sou sua filha, mas há uma outra num lugar que não alcançamos. E essa outra é sempre melhor. E deve ser mesmo, porque vive num tempo que não é mais. Num tempo em que ela ainda era, essencialmente, a mulher que se firmou para ser.

Nas minhas lembranças mais intensas do que dela fez a mulher em que me transformei está a convicção transmitida de que nada era impossível, de que poderia fazer tudo o que quisesse, sem qualquer amarra, sem qualquer limite. Talvez seja por isso que me assuste tanto a necessidade de reafirmar a igualdade de gênero, de essa ainda ser uma questão. E pude escolher o que ser profissionalmente, afetivamente, relacionalmente, sexualmente, porque ela me garantiu que isso seria natural. Mesmo ou principalmente porque ela não pode escolher.

Essa é a razão pela qual a sua perda de autonomia hoje para as coisas mais mezinhas dói tanto. A mulher em que ela se transformou expõe-se de relance quando estimulada por uma história antiga, por um caso contado com drama ou com graça. Nessas conversas, ela busca o que há de mais fundo na substância para o riso ou para a frase de efeito que traz à tona sua ideia sobre o mundo e sobre as pessoas.

### 3 A MULHER QUE VIROU CARINHO

Num conto, quase crônica, Conceição Evaristo diz da tentativa de lembrar a cor dos olhos de sua mãe. A intensidade da pressão por essa lembrança fica tão forte que ela retorna à cidade natal com esse único objetivo: olhar os olhos da mãe e reconhecer nele a cor de que não se lembrava mais.

---

<sup>4</sup> Tradução do inglês: “She had ceased to be the woman who had always ruled my life and yet, despite her misshapen features, because of her voice, her mannerisms and her laugh, she remained my mother, more so than ever.”

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água (Evaristo, 2014, p. 13).

Essa conjectura se fixou quando mandaram um vídeo da Maria cantando *Cabecinha no ombro* e recebendo beijos de uma de suas filhas. Essa a imagem que os filhos queriam guardar nos dias seguintes à sua partida.

Maria tinha bom ouvido para as alteridades e essa profundidade dos olhos d'água que carregam a correnteza por onde sua história fundou leito de rio. Seguimento. A cabeça sempre coberta por uma touca branca. De crochet. De pano. O branco sempre limpíssimo. Os dentes expostos em riso franco. Ela olhava para a gente com a sensibilidade de quem sabe como percorreu o destino. É provável que tenha havido pranto. É certo que houve dor. Mas nada disso recobre a força de quem lutou pelos seus na busca da subsistência e do cuidado.

Maria foi empregada na casa de meus pais. Foi, na verdade, babá de meu irmão no período em que minha mãe saía de casa para lecionar. As duas mulheres. Duas mães. Duas trabalhadoras. Ambas necessitando do trabalho. Uma servidora pública. Professora. Outra no vácuo da regulação. Doméstica. Nos anos 1960, as trabalhadoras domésticas não existiam para o direito. Elas não tinham direitos. A CLT – Consolidação das Leis do Trabalho em 1943 as excluía explicitamente de sua incidência na letra a do art. 7º (“Os preceitos constantes da presente Consolidação salvo quando for em cada caso, expressamente determinado em contrário, não se aplicam” “aos empregados domésticos, assim considerados, de um modo geral, os que prestam serviços de natureza não-econômica à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas”).

É interessante quando o dispositivo se refere a “empregados” domésticos, mas não lhes atribui qualquer direito ou dever que decorra da relação de emprego que é moldada por uma regulação estrita baseada na indisponibilidade. Reconhece-se, portanto, que ali podem estar presentes os pressupostos dos arts. 2º e 3º da CLT, mas não incidem as previsões que dispõem sobre as prestações e as contraprestações devidas pelas partes na relação. Há empregado e a empregador, mas a CLT não atinge especialmente a categoria fundamentalmente feminina que é a das empregadas domésticas<sup>5</sup>. Uma lacuna que não era reconhecida como tal, de modo a que a colmatação viesse como efeito. Pelo costume. Pela analogia com a situação de outros empregados. A falta de qualquer proteção jurídica era assimilada como natural, como devida. Maria não tinha carteira assinada. Não contava tempo para a aposentadoria. Não tinha jornada limitada. Mas tinha 8 filhos: quatro meninos e quatro meninas. Que foram crescendo. E ela os amou a vida inteira. E ela foi amada por eles.

No desmemoriado da vida de minha mãe, ela se lembra da luta dessa mulher por seus filhos. O porco criado com a lavagem. A preocupação com a doença que os acometia. O asseio da casa. O olhar afetivo para cada um e sua história. E, disso, dessa mãe que se mostrou para o mundo, dessa mãe que era deles, apesar de toda as dificuldades ou exatamente por causa delas, veio deles o cuidado extremado, minucioso. A maternidade perseverante, esse investimento sem garantia de retorno, neste caso rendeu amorosos frutos.

Nos últimos anos, Maria foi a amiga mais assídua nas relações de minha mãe. Dela vinha o esperado telefonema dos fins de semana, em que as duas, as memórias trôpegas, traziam o tempo em comum de tantos anos atrás. Havia muita repetição no que lembravam. E isso pode ser porque quisessem reviver também o passado de sua atividade intensa, em que suas presenças mudaram o mundo: os filhos, as pessoas com quem trabalharam, a vizinhança, as relações que tramaram com palavras e ações. A repetição na lembrança pode ser mero reconhecimento de

<sup>5</sup> Cf. Lopes, Pacheco, 2021.

onde estiveram e do que fizeram, daquilo que, de repente, virou impossível pelas restrições físicas, motoras, cognitivas, psíquicas.

Maria se foi no curso da redação deste texto. Um problema pulmonar grave provavelmente devido à fuligem que inalou durante anos da queima da lenha que garantia o calor para sua cozinha. É provável que ela apreciasse do gosto das coisas preparadas no fogão de lenha. É provável também que tenha havido um misto de necessidade e de busca do sabor.

Fui participando do percurso que a levou ao perecimento. Os filhos se cotizando para adquirir o melhor plano de saúde, um que garantisse a ela a possibilidade de respirar, esse valor tão singelo quanto fundamental para a vida. Contrataram quem dela cuidasse. Dividiram tarefas, mesmo diante das restrições dela: para algumas só aceitava as filhas. E é compreensível. O envelhecimento e a diminuição da autonomia implicam a exposição dos corpos dessas mulheres que nunca se permitiram escapar do recato.

Não contamos à minha mãe sobre a partida de Maria. A irmandade entre elas persiste na reminiscência dos anos compartilhados, da história repartida: casa, filhos, trabalho, maridos.

#### 4 SÍNTESE: DUAS MULHERES E OUTRAS MULHERES

Da última vez em que vi as duas juntas foi num dia sábado. Conseguimos amealhar algumas roupas para atender o desejo de Maria. Era uma etapa intermediária das restrições da pandemia. Maria foi até a casa levada pela filha.

Desse dia, o que guardo, o que quero guardar é apenas o abraço que elas se deram. Seus corpos muito frágeis se movendo, uma em direção à outra. Miudinhas. Os braços levantados antecipando o encontro. Um corpo envolvendo outro. Um murmúrio em que couberam as histórias todas sabidas de ambos. Para elas, nenhuma palavra era necessária na armação de frase complexa: sujeito, verbo, predicado, orações coordenadas e subordinadas. Nada a explicar além do corpo junto ao corpo e o som da voz em fragmentos. Tudo dito. Tudo sabido entre elas.

Annie Ernaux reflete sobre a dificuldade que teve em voltar aos trechos do diário que fez durante o processo final da vida de sua mãe. Ela queria entender o que acontecera naqueles dias que antecederam a passagem dela, naqueles dias em que ela deixou de ser a mulher que era para se transformar na pessoa dependente de cuidado para as mais simples necessidades. Ernaux se contorceu entre o seu sentimento de culpa e a consciência dos limites:

Senti que estava me projetando em um momento em que ela não seria mais. Além disso, eu estava dividida entre minha escrita, que a retratava como uma jovem mulher se movendo em direção ao mundo, e a realidade das visitas ao hospital, que me lembrava de seu declínio inexorável (Ernaux, 1999, p. 6).<sup>6</sup>

Mesmo que a escrita possa ser faca, que possa ser arma para atingir algo ou alguém – “Sinto a escrita como faca, é quase a arma de que preciso” (Ernaux, 2023, p. 16) –, esse é sempre um efeito fortuito. Durante algumas semanas, ultrapassado o termo final do prazo para a entrega desse pequeno texto, fiz anotações mentais de tudo o que gostaria falar. Detalhes demais a contar sobre o envelhecimento dessas mulheres que tão substancialmente me modelaram para a vida. Detalhes demais para contar sobre meu próprio caminho de envelhecer na medida em que percebo como elas foram se transformando.

Como anunciei, não conseguiria estabelecer nexos com grandes campos do saber (a perspectiva jurídica, feminista, filosófica, política e social), até porque é difícil fazer isso sem o alicerce da concretude, sobretudo quando o abismo com que se tem mais familiaridade é o

---

<sup>6</sup> Tradução do original: “I felt that I was projecting myself into a time when she would no longer be. Also, I was torn between my writing, which portrayed her as a young woman moving toward the world, and the reality of hospital visits, which reminded me of her inexorable decline.”

dos percursos de aplicação do direito, é o da formação e efetividade dos direitos. As coisas que carregamos, as molduras que vamos armando para nossas vidas, fechadas muitas vezes no anonimato de nossas existências, no silenciamento que marca profundamente a experiência feminina em seu estar no mundo, podem ganhar mais sentido se afundamos no chão percorrido, no riso, na voz que ressoa saudade e dor.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. A ilusão do migrante. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BRASIL. **Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Brasília: Presidência da República. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm). Acesso em: 02 jan. 2024.

DIDION, Joan. **O ano do pensamento mágico**. Trad. Marina Vargas. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018. (Edição do Kindle).

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. Trad. Dom Marcos Barbosa. 131. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

ERNAUX, Annie. **I remain in darkness**. Trad. Tanya Leslie. New York: Seven Stories Press, 1999. (Edição do Kindle).

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. Trad. Mariana Delfini (Portuguese Edition). São Paulo: Fósforo, 2023. (Edição do Kindle).

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2014. (Edição do Kindle).

LOPES, Mônica Sette. **O caleidoscópio do direito**. São Paulo: Autêntica, 2023.

LOPES, Mônica Sette; PACHECO, Marília. Trabalho doméstico e discriminação: algumas pontuações sobre a cultura e o valor numa categoria feminina de trabalho. **Revista de Direito do Trabalho**, São Paulo, v. 219, p. 293-312, 2021.